
Dossiê *Pedagogias vitais: corpo, desejo e educação*

Tiago Ribeiro
Francisco Ramallo
Adrianne Ogêda Guedes

Pedagogias vitais: uma aposta, em tempos tão soturnos e sombrios, na possibilidade de que a educação possa ser algo mais do que uma narrativa de morte ou uma maquinaria de normalização das existências. Uma aposta, em tempos nos quais a indiferença e a necropolítica usam faixa presidencial, na possibilidade de fazer da educação um gesto de esperança, de partilha, de produção de comunidades de atenção e afeto, de afirmação de nossos corpos, presenças e desejos, bem como dos rios de sentidos e histórias que carregam consigo.

Afirmar corpo, desejo e educação como uma tríade indissociável implica no reconhecimento de que somos seres ecológicos, estamos feitos de razão, emoção, sentimento, afetos e afetações. Somos isso, aquilo e o contrário de tudo! Significa afirmar que educar tem a ver com algo que não se limita ao ensinar, mas se compromete com o pluralizar nossas imagens de mundo e de nós mesmos. Ir além dos clichês, dos regimes de verdade impostos, das narrativas hegemônicas, dos paradigmas que, ao homogeneizar, inferiorizam e abafam tantas e tantas maneiras e modos de ser e estar no mundo, através de normas impostas.

Nesse sentido, indagamos qualquer lógica que esquadrinhe a educação como forma de civilizar, normalizar, docilizar, enquadrar, homogeneizar, individualizar. A educação, para nós, é uma experiência democrática e comunitária, a qual transborda a dualidade eu/tu e investe, sublinha o nós como lugar de encontro/confronto nas diferenças. Sim, somos pontos, porém só somos pontos e nos fazemos pontos no encontro/relação com outros pontos. Em outras palavras: somos pessoas e nos tornamos pessoas no encontro/relação com outras pessoas. A comunidade nos humaniza; a alteridade nos singulariza. Na fricção de nossos corpos com o mundo que está aí antes de nós e que seguirá já outro de si através de nossa presença, também chegamos a ser quem somos – movimento infindo que se abre ao devir, eterno devir: não somos; estamos sendo.

Onde impera a norma, extingue-se o devir. Onde comanda a homegeneidade, apaga-se a singularidade. Por isso, educar não tem a ver com extinguir ou apagar. Muito pelo contrário, tem a ver com criar e acender. E inexiste criação e faísca sem desejo, sem corpo, sem educação. Educar, para nós, é uma viagem singular e, ao mesmo tempo, comunitária em direção ao reconhecimento e descoberta de si nas relações nas diferenças, tal qual sugere Carlos Skliar em sua pedagogia das diferenças (2019). Educar como acender em nós as conexões possíveis com nossos corpos, desejos, histórias, ancestralidades.

Assim, com pedagogias vitais, referimo-nos a uma miríade de modos e maneiras de educar comprometidas com a experiência da alteridade, do reconhecimento do outro e de si, como gesto de pluralização do mundo, como modo de espichar nossos repertórios e ver/sentir/pensar diferente do que temos visto/sentido/pensado. Reconexão consigo por meio da viagem em direção ao outro e seus mundos.

Reafirmar vitalidades como potência educativa também é uma forma de mirar de outra forma para o período pandêmico que estamos vivendo, de tentar extrair daí algum ensinamento.



2021 *Guedes; Ramallo; Ribeiro*. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Muitas vidas estão sendo perdidas, cotidianamente, por causa da pandemia da Covid-19, motivadas sobretudo pela indiferença de governantes e autoridades da saúde, pela ganância de classes abastadas que não param de lucrar e de apoiar uma economia que se ergue sobre a morte. Sob tal economia, repousa uma lógica que, do nosso ponto de vista, também sustenta a narrativa da educação como negócio e da aula como produto a ser vendido. Uma lógica que tem tornado, historicamente, o sucateamento da escola pública e a pauperização da educação como projetos políticos, frente à sanha e à fome pela privatização, pela individualização do comunitário. Aí já não há mais corpo nem desejo nem educação. Há lucro. E onde reina o lucro desvitaliza-se a própria vida. E onde desvitaliza-se a própria vida, impera a privatização: de direitos, de corpos, de desejos.

Como um grito e um gesto, oferecemos este dossiê como convite a pensarmos sobre essas e outras questões, recuperando a dimensão vital do educativo como forma de ressuscitar os vivos, de reacender em nós a dimensão política da educação: ela se dirige e nasce em e para todos e qualquer um, em suas diferenças de raça, gênero, sexo, classe social. Por isso, não há sentido em seguir afirmado a tirania do uno, do padrão, do modelo superior ao qual todos deveriam chegar ou ao qual todos deveriam se adaptar. Onde mora o desejo de civilizar o outro, não há espaço para seu reconhecimento e acolhida. Onde hospeda-se o afã pela mesmidade, não habita a relação de reconhecimento recíproco nas diferenças.

Por isso, este dossiê reúne diferentes perspectivas, experiências e ações educativas - formais e não formais - de educação no Brasil, na Argentina e Colômbia que se desafiam no caminho de um educar que traz presente o corpo, o desejo, a relação, não como objetivo a alcançar, senão como prática cotidiana e contemporânea: é agora, já, tecida no corpo a corpo entre sujeitos. Dessa forma, o dossiê busca dar a ver movimentos de afirmação locais, que se apresentam em forma de projetos pedagógicos, ações e aulas pensadas e vividas desde a invenção, a liberdade, a solidariedade, a partilha, encontro, o acontecimento e a irreverência.

Pulsam, aqui, experiências vitalizadas, educação como processo de transformação, conversação, performance, descolonização do ser e do saber, indisciplina contra o “assim das coisas”, toda vez que este “assim” afirmar colonialidades, subalternidades e normatizações. Buscamos uma escola ou, mais ainda, uma educação que re-existe na partilha do sensível, na afirmação de corpos e existências transviadas, isto é, que burlam as normas, sublinham suas singulares formas de ser e estar no mundo, seu estar sendo.

Portanto, trata-se de potencialização de narrativas vitais com a escola e outros espaços educativos: experiências nas quais os sujeitos estão com seus corpos, presenças, biografias, desejos, trajetórias, preconceitos, pontos de vista. Educação como conversação-tensão-invenção-inquietação. Narrativas de movimentos que têm nas corporalidades, na presença que vibra e na existência que afirma formas de ser educação, de ser vida.

Nesse caminho, **Andréia Haudt da Silva e Maristani Polidori Zamperetti** abrem a seção **Dossiê Temático**, com o texto *Experiências estéticas na Educação Infantil a partir de práticas pedagógicas desenhadas pela arte – a caminhada desta pesquisa*, no qual nos convidam a pensar que, para a promoção de uma educação estética, há que se vitalizar, educar o olhar e a escuta docentes. Um convite a ver/ouvir/sentir/inventar outros modos possíveis de ser e estar na Educação Infantil com as crianças.

Em seguida, no segundo texto do dossiê, **Ranulfo Cavalari Neto** nos convida a perceber potências, liberdades e belezas nos corpos de crianças e adolescentes que se expressam e performam suas afirmações e existências nas sinaleiras e ruas das cidades, através de corpos e corporalidades marcadas por uma cultura de viver na rua. Tudo isso no texto *As práticas circenses e a relação do corpo da criança em situação de rua no mundo*.

Máquina de Guerra e Infância “entre”: *Notas sobre a desterritorialização da Infância Contemporânea*, de **Helena Almeida** e **Silva Sampaio**, transgride a dualidade de crianças incluídas/ excluídas na infância e nos convoca a pensar numa “infância entre”, no diálogo com Deleuze e Guatarri e a in-temporal filosofia das diferenças.

Por sua vez, em *Bruna e a Galinha D’angola: uma proposta de valorização da cultura africana na educação infantil, através da literatura*, **Sylvia Soares de Souza** problematiza questões de gênero, raça e classe na literatura, na Educação Infantil e no mercado editorial, oferecendo-nos um artigo resultante de sua pesquisa de mestrado que dá a pensar, sobretudo num cenário em que, cada vez mais, querem impor silenciamento à educação e aos educadores.

O quinto texto do dossiê, *Carta para Infância: devir criança em devaneios poéticos*, de **Dulce Mari Silva Voss**, **Viviane Castro Camozzato** e **Semíramis Martins Corrêa**, compartilha a experiência de escrituras memorialísticas como gestos de criação e ressignificação do vivido para a produção de docências outras. Um mergulho no vivido como modo de renovação do presente e do próprio estar sendo.

Não necessariamente um relato de experiência, porém trabalhando com relatos, o texto de **Marcos Garcia Neira** nos propõe uma pergunta que dá muito a pensar, já em seu título: *O trabalho com relatos de experiência na formação inicial: por que é “muito importante ouvir os educadores da escola pública”?* O texto afronta os regimes de verdade impostos e sublinha que, para pensar a educação, precisamos ouvir quem a vive e produz!

Por seu turno, em *Narrativas de corpos docentes no encontro com o universo infantil*, as autoras **Mariana Alonso López-López**, **Ana Lúcia Rodrigues da Silva** e **Raianne da Silva Alvez Bernardo Thomaz** nos chamam a atenção para o fato de que os corpos também narram e podem ser compreendidos como relatos cotidianamente, nas relações educativas. Lembram-nos que os corpos infantis falam, tanto quanto os corpos adultos que com eles se relacionam, motivo pelo qual é importante se estar inteiro, com o corpo pleno, nas relações com as crianças.

Ainda falando sobre o corpo como potência, **Gilmar Oliveira da Silva**, **Iduina M. Braun Chaves** e **Tania Marta C. Nhary**, em *O corpo em festa: narrativas em cena*, propõem um olhar que congregue as dimensões simbólica e racional do corpo como possibilidade de uma recomposição da identidade desse corpo, a partir da experiência das festas juninas de uma escola pública fluminense.

Ornela Barone Zallocco e **Santiago Díaz**, a seguir, explodem com os limites do acadêmico-científico e nos oferecem um artigo ensaístico no qual não apenas o corpo, mas em especial o produto refugado, negado, invisibilizado do corpo feminino ganha tônica e é discutido em sua potência vital, por meio do texto *Devenir mujer menstrual: Escrituras entre género, cuerpos y performance en la obra de Effy Bethl*.

De maneira mais ou menos explícita, todas essas contribuições nos ajudam a nos afastarmos da educação como exercício de poder de um corpo-modelo sobre corpos ditos

desviantes. Aqui, não faz sentido a ideia de desvio porque a diferença é a tônica das existências, e a singularidade marca os modos de ser e estar no mundo. Cada um, cada uma, cada ume, em sua singularidade, é modelo, ponto de partida e chegada de si mesmo. O processo educativo, portanto, não está comprometido com uma rota universal ou com um caminho único, senão com a possibilidade de reconhecer-se e inventar-se a si mesmo na relação. Conhecer-se em inteireza, plenitude, no exercício também do reconhecimento de nossas incompletudes.

Nessa direção, em texto ensaístico intitulado *Estudar para quê? ou da vida que insurge pelas escolas*, **Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalves, Nayara Santos Perovano e Steferson Zanoni Roseiro** nos falam da escola como luta constante em favor da multiplicação da vida. Lembra-nos que a escola está para além das linhas reguladoras e dos currículos prescritivos, tendo a ver, muito mais, com o vivo das relações e das existências dos estudantes.

Lembrando-nos de que a educação não se dá apenas na escola, mas é um fenômeno que transborda muros e engravidia o mundo, **Rô Aragão Matias, Michele de Freitas Faria de Vasconcelos e Sandra Raquel Santos de Oliveira**, no texto *Pode a diferença insistir nas entradas da sua própria aniquilação? Mulheres, mangues e movimentos*, refletem sobre experiências de des-aprendizagem e pesquisa com mulheres marisqueiras e comunidades tradicionais de Sergipe, sublinhando processos de invenção da vida.

Seguindo na dinâmica de convidar a pensar junto e a deslocar nosso pensamento, **Edson Mendes da Silva Júnior e Fernando Seffner** apresentam, em *Corpos das margens e outras pedagogias possíveis*, uma leitura acerca da deficiência em perspectiva médica e social. Põem em discussão a cultura escolar, os currículos, a escola e os corpos a partir de experiências que colocam em cena os corpos ditos “deficientes”. Os autores convidam a borrar as fronteiras entre os ditos deficientes e os ditos normais, compreendendo a existência como matéria de singularidade.

Compreender a existência como matéria de singularidade, insistimos nós, coloca as diferenças no seio da educação. Não a mesmidade, a homogeneidade ou a norma, mas a diferença. O que nos faz quem somos é justamente a possibilidade de diferir, de partilhar de um mundo no qual pulsam e pululam diferenças, vitalidades que potencializam o estar sendo de cada um, como já dissemos antes. No entanto, repetimos! E repetiremos sempre, até soar diferente, como diz o poeta. E repetir conversando, escutando... Repetir como gesto de convidar e dar a ler nossos sentidos de e no mundo, como convite a perceber sentidos de outros, como para fazer de nossos olhares algo mais plural, colorido e rico.

É nesse sentido que o texto *Culturas trans-parentes: Usos e costumes de praticantes da mídia nas margens*, de **Alexsandro Rodrigues, Fabio Diaz Camarneiro, Ana Paula Figueiredo Louzada e Pablo Cardozo Rocon**, por meio de uma escrita que em si afronta os dogmas acadêmicos e as normas engessadas e frias, provoca a experimentar outras rotas e possibilidades de narrar e escrever nossas pesquisas-vidas. Os autores colocam em evidência modos e maneiras como os discursos midiáticos produzem in-visibilidades dos corpos transparentes, refugados, negados hegemonicamente em sua própria existência e corporalidade.

Seguindo também uma escrita viva e fluida, ensaística, **Nadson Fernando Nunes da Silva e Maria dos Remedios de Brito**, em *Ecos de um corpo (des)viado*, abordam, em uma

perspectiva deleuziana, a discussão do corpo e sua diferença como dispositivo educativo que possibilita deslocamentos e aberturas a outros modos de ser e ensinar.

Por sua vez, o artigo *Identidades de Gênero, Diversidade Sexual e enfrentamento à LGBTfobia nas aulas de língua inglesa*, de **Francisco Victor Macedo Pereira e José Henrique de Almeida Cavalcante**, brinda-nos com a ideia de que as aulas de língua inglesa podem ser espaço para o combate às opressões de gênero e sexualidade, e não apenas de aplicação ou ensino de conteúdos propriamente ditos.

Luiz Gustavo Bonatto Rufino, em “*Eu não gosto do meu corpo porque sou negro e não tenho pais*”: ressignificando as visões sobre o corpo na escola a partir de uma abordagem centrada na equidade racial, também abordando a questão de corpos in-visibilizados, nos lembra que a escola é espaço-tempo ambivalente, complexo e plural. Se é verdade que ela domestica e dociliza corpos, também é que pode ser lugar privilegiado para a produção de rupturas paradigmáticas e afirmação de corpos negros, desconstruindo o racismo em suas diferentes manifestações e práticas discursivas.

Outro artigo que coloca em discussão a temática corporal é *O corpo nas intervenções para transformações de gênero*, da autora **Vanessa do Nascimento Fonseca**, que analisa intervenções com grupos de jovens em comunidades e escolas, com o objetivo de refutar os dualismos mente/corpo e chamar a atenção para como determinadas “normas” de gênero acabam por gerar desigualdade no cuidado com a saúde sexual e reprodutiva de homens e mulheres.

Notemos que, nos diferentes textos, está posta a tensão, o conflito, a discussão, o movimentar o pensar como forma de uma educação que torna possível o estranhamento de si, do outro e do mundo, abrindo espaço para o sacolejar de nossas certezas. Estranhamento necessário para o reconhecimento e para a ampliação de nossos repertórios. Não à toa, o texto *Quando debater virtualmente não é uma opção, é uma necessidade: uma experiência de educação decolonial e plural através de práticas extensionistas-remotas desde São Gonçalo – RJ*, de **Mariana Nogueira Rodrigues, Alan Navarro Fernandes, Haissa dos Santos Sodré e Arthur Vianna Ferreira**, traz o conflito como elemento constitutivo de uma educação decolonial, com vistas a uma educação plural e inclusiva.

Ainda tratando da escola como espaço de pluralidade e liberdade, de construção de relações para além das normalizações e nortamizações, **Paola Amaris Ruidiaz e Roger Miarka** discutem a criação de resistências aos ritmos impostos pelo instituído da instituição escolar, trazendo a escola como dispositivo e espaço comum, no texto *Entre la fluidez y la forma rythmós que resisten a los ritmos de una escuela*.

A filosofia do diálogo de Martin Buber como crítica à modalidade Homeschooling: uma contribuição para o debate educacional brasileiro, de **Chrystiano Gomes Ferraz**, aborda o contexto atual da crise pandêmica do coronavírus e a discussão recente no Brasil acerca da modalidade educativa de Homeschooling, lançando-nos a seguinte pergunta: pode essa alternativa oferecer uma educação integral às crianças? O que passa cotidianamente na escola no tocante ao encontro, à partilha, ao ser e estar juntos?

Advogando pelo espaço da escola como lugar de relação, de experiências, de viver e fazer coisas juntos, de ampliar os repertórios e vivências possíveis no contexto familiar, da casa,

o texto *Narrativas no estágio de docência: outros olhares para a pesquisa na educação química*, de **Lais Francielle Costa da Rosa e Aline Machado Dorneles**, nos convida a repensar o ensino de química numa perspectiva repleta de sentido e vida, na qual o sujeito possa ser e estar, com seus referenciais e sentidos.

O artigo *O saber do desejo praticado nos coletivos parentais*, de **Maria Vitória Campos Mamede Maia e Eduarda Silveira dos Anjos Bainha**, narra processos de aprender por meio do brincar, no qual os sujeitos dão voz à sua autoria. O artigo aborda o trabalho realizado em dois coletivos parentais no Rio de Janeiro que se desafiam a viver uma educação brincante.

Em *Corpo, tema e o espaço da sala de aula*, **Hélio Junior Rocha de Lima** instiga-nos a pensar a partir de experiências do componente curricular Corpo, Movimento e Ludicidade, no curso de Pedagogia. O autor destaca o quanto uma abordagem multifacetada e com fontes plurais nos permite perceber a negação da linguagem corporal em tempos de isolamento.

Também falando a partir da experiência de ser/estar no Ensino Superior, especialmente no percurso doutoral, **Eduardo Oliveira Miranda**, no texto *Rachar e despencar o corpo-território*, o autor chama a atenção para como o pesquisar tem sido uma expressão dos colonialismos dentro da universidade, convidando-nos a uma pesquisa de corpo inteiro.

Falando igualmente da pesquisa, em *El placer en la investigación en educación: Tránsitos afectivos y afectantes como eróticas del rigor*, **Francisco Ramallo, Luciana Berengeno e Maria Marta Yedaide** compartilham relatos cruzados para pensar uma prática investigativa criativa e erótica, plena de vida, para além das clausuras limitantes dos cânones científicos, encerrando a seção **Dossiê Temático**.

Além dos artigos que compõem o dossiê, também há uma série de **Relatos de Experiência** que convocam a pensar, desde outros princípios, a educação como experiência estética, ética e política; experiência de conversação, de produção de comunidade, de afirmação de vidas livres, belas e irreverentes.

Marcela Afonso Fernandez, Bianca Dias de Souza, Yasmim da Silva Borges Ferreira e Maria Luíza Almeida de Souza, no texto *Ler, escutar, conversar: a literatura potencializando vidas*, nos convidam a pensar a literatura como possibilidade de despertar a imaginação e potencializar vidas e vozes, grávidas de liberdade e boniteza poética.

Tratando também sobre a temática da Educação Infantil, **Maria Marta de Andrade Cerqueira, Cláudia Vasconcellos Nogueira da Gama e Patrícia da Paz Zampier**, no relato de experiência *Educação Infantil em tempos de Pandemia: quando uma máquina do tempo aproxima as distâncias*, narram experiências vividas no contexto da pandemia da Covid-19 em uma escola no Rio de Janeiro, em que o desafio foi minimizar o impacto do isolamento social e investir no imaginário criativo e no brincar com as crianças.

Outro relato de experiência é *Dançar para aprender*, de **Gláucia Bispo**, em que a autora compartilha uma experiência congregando dança e alfabetização. Esse trabalho, que guarda um ineditismo no campo da alfabetização, provoca a pensar a potência de corpos dançantes para o

processo de aprendizagem-ensino da leitura e da escrita, além da matemática e outros conhecimentos.

A seguir, **Luiza Tostes Ferreira Julio**, no texto *Metodologia Angel Vianna*, apresenta um relato do trabalho com uma metodologia que envolve o corpo com especial atenção para suas sensações e possibilidades de ação.

Outro importante relato é o texto *Ocupação virtual: da fiação de propostas à trama antirracista*, de **Graziella Ferreira de Mello, Greice Duarte de Brito Silva e Maria Helena Dantas dos Santos Neves**, o qual compartilha a ação/ ocupação virtual de três fandeiras-pesquisadoras no contexto da pandemia em 2020; ação na qual buscaram, através da partilha de narrativas (auto)biográficas, contribuir para a construção de uma formação e educação antirracistas.

Cartas mágicas a 801 – o PIBID e a interdisciplinaridade, de **Talyta Teixeira Thomé, Larissa Martins Pedro, Sônia Martins De March, Daniela Arns Silveira e Manuela Rossa de Souza**, apresenta experiências do PIBID de Letras/ Língua Portuguesa da UNESC, projeto que teve como objetivo trabalhar o gênero textual carta de forma lúdica e interdisciplinar, tendo como pano de fundo o universo de Harry Potter.

Encerrando a seção de relatos de experiência, temos o texto *Territorio habitado: el cuerpo y sus memorias*, de **Luz Mary Uribe Balbín, Arney Herrera e Isabel Cristina Restrepo**, no qual as autoras narram experiências desde a sala de aula nas quais são copartícipes das experiências vividas com os estudantes, no intuito de, na relação com o próprio corpo e o território, gerar reflexões sobre cidadania e paz.

Na seção Artigos de **Fluxo Contínuo**, também conectado ao desafio de discutir a escola e suas práticas pedagógicas, o texto *Textos visuais na Educação Básica: possibilidades de leitura da obra “Carnaval em Madureira” de Tarsila do Amaral*, de **Ricardo Figueiró Cruz e Eduardo Cristiano Hass da Silva**, trata da leitura de imagens na sala de aula, em perspectiva interdisciplinar.

O papel da produção textual na Educação de Jovens e Adultos: o livro didático em análise, de **Rafaela Merli e Andreia Santana**, analisa duas produções textuais propostas no livro Caminhar e Transformar, com base na BNCC.

Igualmente tratando de materiais didáticos, porém da sua produção, **Claudia Pimentel e Keisse Sibelly Moraes Limite**, no texto *A empatia na produção de materiais didáticos: reflexões sobre artefatos bilíngues*, enfatizam a produção de materiais didáticos bilíngues para a Educação Infantil com crianças surdas, tendo como desafio a ampliação de sentidos e o diálogo com contextos mais amplos.

Ronaldo Záphas e Gabriela Muniz Cardoso, por sua vez, no artigo *A arte no processo educacional da rede pública: análise de possíveis contribuições da Pedagogia Waldorf para a Arte-Educação*, fazem um levantamento do Estado da Arte no tocante à educação brasileira, em arte-educação, apontando dificuldades do ensino de artes na escola bem como potencialidades possíveis da Pedagogia Waldorf para o mesmo.

Numa perspectiva autobiográfica, as autoras **Sabrina Guedes e Mônica Macedo** tomam seus processos formativos para pensar acerca da formação docente, no artigo *Autoria, autoridade e autonomia no trabalho acadêmico-profissional: uma reflexão biográfica*.

Finalmente, fechando este número da Revista Interinstitucional: Artes de Educar (RIAE), temos a **Resenha Histórias mal contadas; a canção dos velhos caçadores e habitar o som: Retrato falado da leitura em voz alta**, de autoria de **Maria Edith Romano Siems-Marcondes**, literariamente nos convida e transporta por uma viagem através do livro “Histórias mal contadas: nueve cuentos mal contados”, de Rodolfo Castro.

Esperamos que seja uma experiência de leitura rica e provocativa para todos!
Boa leitura!

Dossier Pedagogías vitales: cuerpo, deseo y educación

Tiago Ribeiro
Francisco Ramallo
Adrianne Ogêda Guedes

Pedagogías vitales: una apuesta, en tiempos tan oscuros y sombríos, por la posibilidad de que la educación pueda ser algo más que un relato de muerte o una maquinaria de normalización de las existencias. Una apuesta, en tiempos en los que la indiferencia y la necropolítica usan un marco presidencial, en la posibilidad de hacer de la educación un gesto de esperanza, de compartir, de producir comunidades de atención y afecto, de afirmar nuestros cuerpos, presencias y deseos, así como también los ríos de significados e historias que llevamos consigo. Afirmar cuerpo, deseo y educación como tríada inseparable implica el reconocimiento de que somos seres ecológicos, estamos compuestos de razón, emoción, sentimiento, afectos y afectos. ¡Somos esto, aquello y lo contrario de todo! Significa afirmar que educar tiene que ver con algo que no se limita a enseñar, sino que apuesta por la pluralización de nuestras imágenes del mundo y de nosotros mismos. Ir más allá de los clichés, los regímenes de verdad impuestos, las narrativas hegemónicas, los paradigmas que, al homogeneizar, rebajan y ahogan tantas formas y modos de ser y estar en el mundo, a través de reglas impuestas.

En este sentido, cuestionamos cualquier lógica que analice la educación como una forma de civilizar, normalizar, docilizar, enmarcar, homogeneizar, individualizar. La educación, para nosotros, es una experiencia democrática y comunitaria, que desborda la dualidad que tú y tú

invierteres, nos subraya como un lugar de encuentro/ confrontación en las diferencias. Sí, somos puntos, pero solo somos puntos y hacemos puntos en el encuentro/relación con otros puntos. En otras palabras: somos personas y nos convertimos en personas en el encuentro/relación con otras personas. La comunidad nos humaniza; la alteridad nos distingue. En la fricción de nuestros cuerpos con el mundo que está ante nosotros y que seguirá a otro ya por nuestra presencia, también nos convertimos en quienes somos: movimiento sin fin que se abre al devenir, el devenir eterno: no somos; estamos siendo.

Donde prevalece la regla, el devenir se extingue. Donde manda la homogeneidad, se borra la singularidad. Por tanto, educar no se trata de extinguir o borrar. Al contrario, tiene que ver con la creación y la iluminación. Y no hay creación y chispa sin deseo, sin cuerpo, sin educación. Para nosotros, educar es un viaje singular y, a la vez, comunitario hacia el reconocimiento y el descubrimiento de uno mismo en las relaciones en las diferencias, como sugiere Carlos Skliar en su pedagogía de las diferencias (2019). Educar cómo encender en nosotros las posibles conexiones con nuestro cuerpo, deseos, historias, ascentralidades.

Así, con pedagogías vitales, nos referimos a un sinfín de modos y maneras de educar comprometidas con la experiencia de la alteridad, del reconocimiento del otro y de uno mismo, como gesto de pluralización del mundo, como forma de estirar nuestros repertorios y ver/sentir/pensar de manera diferente a lo que hemos visto/sentido/pensado. Reconexión a través del viaje hacia el otro y sus mundos.

Reafirmar vitalidades como potencia educativa también es una manera de mirar de otra forma para el momento pandémico que estamos viviendo, de intentar extraer de allí algo de enseñanza. Se están perdiendo muchas vidas, a diario, a causa de la pandemia Covid-19, motivada principalmente por la indiferencia de gobiernos y autoridades sanitarias, por la codicia de clases pudientes que no paran de lucrarse y de sostener una economía que se levanta sobre la muerte. Bajo tal economía, existe una lógica que, desde nuestro punto de vista, también sustenta la narrativa de la educación como negocio y el aula como producto a vender. Una lógica que históricamente ha hecho del desguace de las escuelas públicas y el empobrecimiento de la educación como proyectos políticos, frente a los cuerdos y el hambre de privatización, de individualización de la comunidad. Allí ya no hay cuerpo, deseo ni educación. Hay ganancias. Y donde reina la ganancia, la vida misma se desvitaliza. Y donde la vida misma se desvitaliza, prevalece la privatización de derechos, de cuerpos, de deseos.

Como un grito y un gesto, ofrecemos este dossier como una invitación a reflexionar sobre estas y otras cuestiones, recuperando la dimensión vital de la educación como una forma de resucitar lo vivo, de reavivar en nosotros la dimensión política de la educación: está dirigida y nació en y para todos y para todos, en sus diferencias de raza, género, sexo, clase social. Por tanto, de nada sirve seguir afirmando la tiranía del uno, del estandarte, del modelo superior al que todos deben llegar o al que todos deben adaptarse. Donde vive el deseo de civilizar al otro, no hay lugar para el reconocimiento y la aceptación. Donde tiene lugar el celo por la igualdad, no habita la relación de reconocimiento recíproco de las diferencias.

Por ello, este dossier reúne diferentes perspectivas, experiencias y acciones educativas - formales y no formales - para la educación en Brasil, Argentina y Colombia que se retan en el camino de la educación que trae el cuerpo, el deseo, la relación, no como objetivo a alcanzar, si no como práctica cotidiana y contemporánea: ya está entretejido en el cuerpo a cuerpo entre sujetos. De esta forma, el dossier busca mostrar movimientos de afirmaciones locales, que se presentan en forma de proyectos pedagógicos, acciones y clases pensadas y vividas desde la invención, la libertad, la solidaridad, el compartir, el encuentro, el acontecer y la irreverencia. Pulsan, aquí, experiencias vitalizadas, la educación como proceso de transformación, conversación, performance, descolonización del ser y del saber, indisciplina frente al “así de las cosas”, siempre que ese “así” afirma colonialidades, subalternidades y normalidades. Buscamos una escuela o, más aún, una educación que resista en el compartir de lo sensible, en la afirmación de los cuerpos y de las existencias distanciadas, es decir, que burlen las normas, subrayen sus formas singulares de ser y de estar en el mundo, su estar siendo.

Por tanto, se trata de potenciar narrativas vitales con la escuela y otros espacios educativos: vivencias en las que los sujetos se encuentran con sus cuerpos, presencias, biografías, deseos, trayectorias, prejuicios, puntos de vista. La educación como conversación-tensión-invención-inquietación. Narrativas de movimientos que tienen en sus cuerpos, en la presencia que vibra y en la existencia que afirma formas de ser educación, de ser vida.

En este camino, **Andréia Haudt da Silva y Maristani Polidori Zamperetti** abren la sección **Dossier temático**, con el texto *Experiencias estéticas en la primera infancia a partir de prácticas pedagógicas diseñadas por el arte, el recorrido de esta investigación*, en la que se nos invita a pensar que, para la promoción de una educación estética, es necesario vitalizar, educar la mirada y la escucha de los profesores. Una invitación a ver/oír /sentir/inventar otras posibles formas de ser y estar en la educación infantil con niños.

Luego, en el segundo texto del dossier, **Ranulfo Cavalari Neto** nos invita a percibir poderes, libertades y bellezas en los cuerpos de niños, niñas y adolescentes que se expresan y realizan sus afirmaciones y existencias en los signos y calles de las ciudades, a través de los cuerpos y corporalidades marcadas por una cultura de vivir en la calle. Todo ello en el texto *Las prácticas circenses y la relación del cuerpo del niño en la calle del mundo*.

Máquina de guerra e infancia “entre”: *Notas sobre la desterritorialización de la infancia contemporánea*, de **Helena Almeida e Silva Sampaio**, transgreden la dualidad de niños incluidos/excluidos en la infancia y nos invitan a pensar en una “infancia entre”, en diálogo con Deleuze y Guatarri y la oportuna filosofía de las diferencias.

A su vez, en *Bruna y Galinha D'angola: una propuesta para la valorización de la cultura africana en la educación infantil*, a través de la literatura, **Sylvia Soares de Souza** analiza temas de género, raza y clase en la literatura, en la educación infantil y en el mercado editorial, ofreciéndonos un artículo que resulta de su investigación de maestría que nos hace pensar, sobre todo en un escenario donde, cada vez más, quieren imponer el silencio a la educación y los educadores.

El quinto texto del dossier, *Carta para la infancia: devenir niño en ensañaciones poéticas*, de **Dulce Mari Silva Voss, Viviane Castro Camozzato y Semiramis Martins Corrêa**, comparte la experiencia de las escrituras conmemorativas como gestos de creación y resignificación de lo vivido por la producción de otras enseñanzas. Un chapuzón en lo vivido como forma de renovar el presente y del propio estar siendo.

No necesariamente un relato de experiencia, pero si trabajando con relatos, el texto de **Marcos García Neira** nos propone una pregunta que nos da mucho que pensar, ya en su título: *El trabajo con relatos de experiencia en formación inicial: por qué es “muy importante escuchar a los educadores de la escuela pública?* El texto desafía los regímenes de verdad impuestos y subraya que, para pensar en la educación, ¡hay que escuchar a quienes la viven y la producen! A su vez, en *Narrativas de cuerpos docentes en el encuentro con el universo infantil*, las autoras **Mariana Alonso López-López, Ana Lúcia Rodrigues da Silva y Raianne da Silva Alvez Bernardo Thomaz** nos llaman la atención sobre el hecho de que los cuerpos también narran y pueden ser entendido como relatos cotidianamente, en las relaciones educativas. Nos recuerdan que los cuerpos de los niños hablan tanto como los cuerpos de los adultos que se relacionan con ellos, por eso es importante estar entero, con un cuerpo pleno, en las relaciones con los niños.

Aún hablando sobre el cuerpo como potencia, **Gilmar Oliveira da Silva, Iduina M. Braun Chaves y Tania Marta C. Nhary**, en *O corpo em festa: narrativas en escena*, proponen una mirada que conjuga las dimensiones simbólica y racional del cuerpo como posibilidad de recomposición de la identidad de este cuerpo, a partir de la experiencia de las fiestas juninas de una escuela pública de Río de Janeiro.

Ornella Barone Zallocco y Santiago Díaz, luego estallan con los límites de lo académico-científico y nos ofrecen un artículo de ensayo en el que no solo el cuerpo, sino en particular el producto rechazado, negado e invisible del cuerpo femenino cobra protagonismo y se discute en su potencia vital, a través del texto *Devenir mujer menstrual: Escrituras entre género, cuerpxs y performance en la obra de Efy Bethl*.

De forma más o menos explícita, todas estas contribuciones nos ayudan a alejarnos de la educación como ejercicio del poder de un cuerpo-modelo sobre los llamados cuerpos desviados. Aquí, la idea de desvío no tiene sentido porque la diferencia es la nota clave de las existencias y la singularidad marca las formas de ser y estar en el mundo. Cada uno, cada una, cada une, en su singularidad, es modelo, punto de partida y llegada de uno mismo. El proceso educativo, por tanto, no apuesta por una ruta universal o un camino único, sino por la posibilidad de reconocerse e inventarse en la relación. Conocerse a sí mismo en totalidad, plenitud, en el ejercicio también de reconocimiento de nuestras incompletitudes.

En esa dirección, en un texto de ensayo titulado *¿Estudiar para qué? "o de la vida que insurge en las escuelas*, **Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalves, Nayara Santos Perovano y Steferson Zanoni Roseiro** nos hablan de la escuela como una lucha constante a favor de la multiplicación de la vida. Nos recuerda que la escuela está más allá de las líneas regulatorias y los planes de estudio prescriptivos, y tiene mucho más que ver con la vida de las relaciones y la vida de los estudiantes.

Recordando que la educación no es solo en la escuela, sino que es un fenómeno que desborda muros e impregna el mundo, **Rô Aragão Matias, Michele de Freitas Faria de Vasconcelos y Sandra Raquel Santos de Oliveira**, en el texto *¿Puede la diferencia insistir en sus propias entrañas de su propia aniquilación: Mujeres, manglares y movimientos*, reflexionan sobre experiencias de desaprendizaje e investigación con mujeres mariscadoras y comunidades tradicionales de Sergipe, destacando procesos de invención de la vida.

Siguiendo la dinámica de invitarnos a pensar juntos y dislocar nuestro pensamiento, **Edson Mendes da Silva Júnior y Fernando Seffner** presentan, en *Corpos das márgenes y otras*

posibles pedagogías, una lectura sobre la discapacidad desde una perspectiva médica y social. Ponen en cuestión la cultura escolar, los currículos, la escuela y los cuerpos a partir de experiencias que pusieron en escena los llamados cuerpos “discapacitados”. Los autores nos invitan a difuminar los límites entre los llamados discapacitados y los llamados normales, entendiendo a la existencia como una cuestión de singularidad.

Comprender la existencia como una cuestión de singularidad, insistimos, coloca las diferencias en el centro de la educación. No igualdad, homogeneidad o norma, sino diferencia. Lo que nos hace ser quienes somos es precisamente la posibilidad de diferenciar, de compartir un mundo en el que las diferencias palpitan y pululan, vitalidades que enaltecen el ser del otro, como hemos dicho antes. Sin embargo, ¡repetimos! Y siempre repetiremos, hasta que suene diferente, como dice el poeta. Y repetir, conversando, escuchando... Repetir como gesto de invitar y leer nuestros sentidos desde y en el mundo, como invitación a percibir los sentidos de los demás, hacer nuestra mirada más plural, colorida y rica.

Es en este sentido que el texto *Culturas trans-parentes: Usos y costumbres de los practicantes de medios en los márgenes*, de **Alexsandro Rodrigues, Fabio Díaz Camarneiro, Ana Paula Figueiredo Louzada y Pablo Cardozo Rocon**, a través de un escrito que confronta los dogmas académicos y las normas enlucidas y frías, provoca probar otras vías y posibilidades para narrar y escribir nuestras vidas de investigación. Los autores destacan las formas y maneras en que los discursos de los medios producen la invisibilidad de los familiares trans, los cuerpos de refugiados, hegemónicamente negados en su propia existencia y corporeidad.

Siguiendo, también una escritura viva y fluida, ensayística, **Nadson Fernando Nunes da Silva y Maria dos Remedios de Brito**, en *Ecos de un cuerpo (des)viado*, abordan, en una perspectiva deleuziana, la discusión del cuerpo y su diferencia como dispositivo educativo dispositivo que posibilita desplazamientos y aperturas a otras formas de ser y de enseñar.

A su vez, el artículo *Identidades de Género, Diversidad Sexual y enfrentamiento de la LGBTfobia en las clases de inglés*, de **Francisco Victor Macedo Pereira y José Henrique de Almeida Cavalcante**, nos ofrece la idea de que las clases de inglés pueden ser un espacio para combatir la opresión de género y sexualidad, y no solo la aplicación o enseñanza del contenido en sí.

Luiz Gustavo Bonatto Rufino, en “*No me gusta mi cuerpo porque soy negro y no tengo padres*”: *resignificando las visiones sobre el cuerpo en la escuela desde un enfoque centrado en la equidad racial*, aborda también la cuestión de los cuerpos no in-visibilizados y nos

recuerda que la escuela es un espacio-tiempo ambivalente, complejo y plural. Si es cierto que domestica y dociliza los cuerpos, también es cierto que puede ser un lugar privilegiado para la producción de rupturas paradigmáticas y la afirmación de cuerpos negros, deconstruyendo el racismo en sus diferentes manifestaciones y prácticas discursivas.

Otro artículo que coloca en discusión la temática corporal es *El cuerpo en las intervenciones para transformaciones de género*, de la autora **Vanessa do Nascimento Fonseca**, que analiza intervenciones con grupos de jóvenes en comunidades y escuelas, con el objetivo de refutar los dualismos mente/cuerpo y llamar la atención para como ciertas “normas” de género terminan generando desigualdad en el cuidado de la salud sexual y reproductiva de hombres y mujeres. Observemos que, en los diferentes textos, la tensión, el conflicto, la discusión, el movimiento del pensamiento se ubica como una forma de educación que posibilita el extrañamiento de uno mismo, del otro y del mundo, abriendo espacios para sacudir nuestras certezas. Extrañeza necesaria para el reconocimiento y expansión de nuestros repertorios. No en vano, el texto *Cuando debatir no es prácticamente una opción, es una necesidad: una experiencia de educación decolonial y plural a través de prácticas de extensión-remota desde São Gonçalo - RJ*, de **Mariana Nogueira Rodrigues, Alan Navarro Fernandes, Haissa dos Santos Sodré y Arthur Vianna Ferreira**, trae el conflicto como elemento constitutivo de una educación descolonial, con miras a una educación plural e inclusiva.

Aún tratando la escuela como un espacio de pluralidad y libertad, de construcción de relaciones más allá de la normalización y la normatización, **Paola Amaris Ruidiaz y Roger Miarka** discuten la creación de resistencias a los ritmos impuestos por la institución de la escuela, trayendo la escuela como dispositivo y espacio común, en el texto *Entre fluidez y forma rythmós que resisten los ritmos de una escuela*.

La filosofía del diálogo de Martin Buber como crítica a la modalidad Homeshooling: es una contribución al debate educativo brasileño, que **Chrystiano Gomes Ferraz** aborda el contexto actual de la crisis pandémica del coronavirus y la reciente discusión en Brasil sobre la modalidad educativa Homeshooling, lanzándola el siguiente pregunta: ¿esta alternativa puede ofrecer educación integral a los niños? ¿Qué sucede en la escuela a diario en relación con reunirse, compartir, estar y estar juntos?

Abogando por el espacio escolar como lugar de relación, de vivencias, de vivir y hacer las cosas juntos, de ampliar los posibles repertorios y vivencias en el contexto familiar, del hogar, el texto *Narrativas en la práctica docente: otras perspectivas de investigación en la educación química*,

de **Lais Francielle Costa da Rosa** y **Aline Machado Dorneles**, nos invita a re-pensar la enseñanza de la química en una perspectiva llena de sentido y vida, en la que el sujeto puede ser y ser, con sus referentes y sentidos.

El artículo *El saber del deseo practicado en colectivos parentales*, de **Maria Vitória Campos Mamede Maia** y **Eduarda Silveira dos Anjos Bainha**, narra procesos de aprendizaje a través del juego, en los que los sujetos dan voz a su autoría. El artículo aborda el trabajo realizado en dos colectivos de padres en Río de Janeiro que se desafían a vivir una educación lúdica.

En *Cuerpo, tema y espacio del aula*, **Hélio Junior Rocha de Lima** nos incita a pensar a partir de experiencias del componente curricular Cuerpo, Movimiento y Ludicidad de un curso de Pedagogía. El autor destaca cómo un enfoque multifacético con fuentes plurales nos permite percibir la negación del lenguaje corporal en tiempos de aislamiento.

Conversando también desde la experiencia de estar en la educación superior, especialmente en su carrera de doctorado, **Eduardo Oliveira Miranda**, en el texto *Agrietando y hundiendo el cuerpo-territorio*, el autor llama la atención sobre cómo la investigación ha sido una expresión del colonialismo dentro de la universidad, invitando nosotros a una investigación de cuerpo completo.

Conversando igualmente de investigación, en *El placer en la investigación en educación: Tránsitos afectivos y afectantes como eróticas del rigor*, **Francisco Ramallo**, **Luciana Berengeno** y **Maria Marta Yedaide** comparten relatos cruzados para pensar en una práctica investigativa creativa y erótica, llena de vida y más allá de las cláusulas limitantes de los cánones científicos, finalizando la sección **Dossier Temático**.

Además de los artículos que componen el dossier, también hay una serie de **Relatos de Experiencia** que llaman a pensar, desde otros principios, la educación como experiencia estética, ética y política; experiencia de conversación, de producción de comunidad, de afirmación de vidas libres, bellas e irreverentes.

Marcela Afonso Fernandez, **Bianca Dias de Souza**, **Yasmim da Silva Borges Ferreira** y **Maria Luíza Almeida de Souza**, en el texto *Ler, escuchar, conversar: la literatura potencializando vidas*, nos invita a pensar en la literatura como una posibilidad para despertar la imaginación y potencializar vidas y voces, preñadas de libertad y belleza poética.

Tratando también el tema de la Educación Infantil, **María Marta de Andrade Cerqueira**, **Cláudia Vasconcellos Nogueira da Gama** y **Patrícia da Paz Zampier**, en el relato de experiencias *Educación Infantil en tiempos de Pandemia: cuando una máquina del tiempo se*

acerca a las distancias, narran las experiencias vividas en el contexto de la pandemia Covid-19 en una escuela de Río de Janeiro, donde el desafío era minimizar el impacto del aislamiento social e invertir en la imaginación creativa a partir del juego con los niños.

Otro relato de experiencias es *Bailando para aprender*, de **Gláucia Bispo**, en el que la autora comparte una experiencia que combina danza y alfabetización. Este trabajo, inédito en el campo de la alfabetización, incita a pensar en el poder de los cuerpos danzantes para el proceso de aprendizaje-enseñanza de la lectura y la escritura, además de las matemáticas y otros conocimientos.

A continuación, **Luiza Tostes Ferreira Julio**, en el texto *Metodología Ángel Vianna*, presenta un relato del trabajo con una metodología que involucra al cuerpo con especial atención a sus sensaciones y posibilidades de acción.

Otro importante relato es el texto *Ocupación virtual: del hilado de propuestas a la trama antirracista*, de **Graziella Ferreira de Mello, Greice Duarte de Brito Silva y Maria Helena Dantas dos Santos Neves**, quien comparte la acción/ocupación virtual de tres hilanderas-investigadoras en el contexto de la pandemia en 2020; acción en la que buscaban, a través del intercambio de narrativas (auto)biográficas, contribuir a la construcción de una formación y educación antirracista.

Cartas mágicas al 801 - PIBID e interdisciplinariedad, de **Talyta Teixeira Thomé, Larissa Martins Pedro, Sônia Martins De March, Daniela Arns Silveira y Manuela Rossa de Souza**, presenta las experiencias de PIBID de Letras/Lengua Portuguesa de UNESC, un proyecto que tenía como objetivo trabajar la letra del género textual de forma lúdica e interdisciplinar, teniendo como telón de fondo el universo de Harry Potter.

Cerrando la sección de relatos de experiencia, tenemos el texto *Territorio habitado: el cuerpo y sus memorias*, de **Luz Mary Uribe Balbín, Arney Herrera e Isabel Cristina Restrepo**, en el que los autores narran vivencias desde el aula en la que son co-partícipes de las experiencias vividas con los estudiantes, en la relación con sus propios cuerpos y el territorio, con el fin de generar reflexiones sobre ciudadanía y paz.

En la sección **Flujo continuo**, también vinculado al desafío de discutir la escuela y sus prácticas pedagógicas, el artículo *Textos visuales en Educación Básica: posibilidades de lectura de la obra “Carnaval em Madureira”* de **Tarsila do Amaral, Ricardo Figueiró Cruz y Eduardo Cristiano Hass da Silva**, se ocupa de la lectura de imágenes en el aula, en una perspectiva interdisciplinar.

El papel de la producción textual en la educación de jóvenes y adultos: el libro de texto en análisis, de **Rafaela Merli y Andreia Santana**, analiza dos producciones textuales propuestas en el libro *Caminhar e Transformar*, basado en BNCC.

Igualmente abordando los materiales didácticos y su producción, **Claudia Pimentel y Keisse Sibelly Moraes Limite**, en el texto *La empatía en la producción de materiales didácticos: reflexiones sobre artefactos bilingües*, enfatizan la producción de materiales didácticos bilingües para la Educación Infantil con niños sordos, teniendo como desafío la expansión de significados y el diálogo con contextos más amplios.

Ronaldo Záphas y Gabriela Muniz Cardoso, a su vez, en el artículo *El arte en el proceso educativo de la red pública: análisis de posibles aportes de la Pedagogía Waldorf a la Educación-Arte*, relevan el Estado del Arte sobre la educación brasileña en arte-educación, señalando dificultades para enseñar arte en la escuela, así como posibles potencialidades de la Pedagogía Waldorf para el mismo.

En una perspectiva autobiográfica, las autoras **Sabrina Guedes y Mônica Macedo** toman sus procesos formativos para pensar en acerca de la formación docente, en el artículo *Autoría, autoridad y autonomía en el trabajo académico-profesional: una reflexión biográfica*.

Finalmente, cerrando este número de la Revista Interinstitucional: Artes de Educar (RIAE), tenemos las *Reseña Historias mal contadas; la canción de los viejos cazadores y habitan el sonido: Boceto de lectura en voz alta*, escrito por **Maria Edith Romano Siems-Marcondes**, literariamente nos invita y transporta en un viaje por el libro “Historias mal contadas: nueve cuentos mal contados”, de Rodolfo Castro.

¡Esperamos que sea una experiencia de lectura rica y provocativa para todos! ¡Buena lectura!

DOSSIÊ PEDAGOGIAS VITAIS: CORPO, DESEJO E EDUCAÇÃO.

Organizadores: Adrianne Ogêda Guedes (UNIRIO), Francisco Ramallo (UNMdP; UNR), Tiago Ribeiro (INES; UNR).

Proposta: O dossiê se propõe a reunir diferentes perspectivas, experiências e ações educativas - formais e não formais - de educação no Brasil, na Argentina e em outros países da América Latina que se desafiam no caminho de um educar que traz presente o corpo, o desejo, a relação,

não como objetivo a alcançar, senão como prática cotidiana e contemporânea: é agora, já, tecida no corpo a corpo entre sujeitos. Dessa forma, o dossiê busca dar a ver movimentos de afirmação locais, que se apresentam em forma de projetos pedagógicos, ações e aulas pensadas e vividas desde a invenção, a liberdade, a solidariedade, a partilha, encontro, o acontecimento.

Interessam, aqui, experiências vitalizadas, educação como processo de transformação, conversação, performance, descolonização do ser e do saber, indisciplina contra o “assim das coisas”, toda vez que ele afirmar colonialidades, subalternidades e normatizações. Buscamos uma escola ou, mais ainda, uma educação que re-existe na partilha do sensível, na afirmação de corpos e existências transviadas, isto é, que burlam das normais, sublinham suas singulares formas de ser e estar no mundo, seu estar sendo.

Portanto, trata-se de potencialização de narrativas vitais, eróticas com a escola, com e desde o educativo: experiências nas quais os sujeitos estão com seus corpos, presenças, biografias, desejos, trajetórias, preconceitos, pontos de vista. Educação como conversação-tensão-invenção-inquietação. Narrativas de movimentos que têm nas corporalidades, na presença que vibra e na existência que afirma formas de ser educação, de ser vida.

O que têm a nos ensinar experiências anticoloniais, vitais, eróticas e desejantes de educação hoje? O que docentes e estudantes têm criado junto, nos cotidianos das escolas e fora delas, desde os afetos, corpos e desejos? Que afirmações e lutas o diálogo com matrizes epistêmicas tão múltiplas como os Estudos Surdos, Estudos Culturais, Filosofia das Diferenças, Pedagogia das Diferenças, Descolonialidade, Teoria Cuir - entre outros – nos permitem seguir fazendo?

Convidamos todos a apreciar este dossiê conosco, partilhando experiências e acontecimentos educativos que nos provocam ao deslocamento, ao indagar, a imaginar, narrar e inventar outros mundos educativos possíveis.